

MAIS
+ QUE
PALAVRAS

SALA COMUM
Reitoria da Universidade do Porto

Praça Gomes Teixeira,
4099-002 Porto

+

D
I
T
A
S

MAIS QUE PALAVRAS DITAS

Ana Paula Coutinho

Graciela Machado

Esta exposição nasceu de um repto lançado, em Fevereiro deste ano, aos estudantes de Gravura da FBAUP, no sentido de desenvolverem um trabalho que dialogasse com a obra literária de Agustina Bessa-Luís. Estávamos conscientes de que não era um desafio fácil, pois num primeiro momento o universo agustiniano pode parecer demasiado anacrónico e labiríntico aos olhos de jovens formandos em artes plásticas. Mas o fulcro do desafio residia exatamente na prova de fogo por que passariam ambos os lados dessa relação erguida como mote para outras formas de leitura de Agustina.

Como ler, e registar o que se lê, para lá das palavras? Como reagir com a força da expressão artística, que não se verga apenas à sua reprodutibilidade técnica, à escrita de quem, como a autora d' *A Noite da Ronda*, sempre esteve interessada em “desinstalar” e absolutamente convicta da importância dessa inquietação? - “Eu desmarco os outros da rotina, espanto a manada. Depois os efeitos são maravilhosos, combinam com a imortalidade”.

As palavras escritas iriam ficar gravadas. Lidas ou ouvidas, entoadas. Palavras calçadas e decalcadas d' *As Estações da Vida* de Agustina Bessa-Luís. Decifradas e repetidas por cada um nas contradições de autoria e matéria mais do que suficiente para ser apenas técnica. Era dito, não podia ser aprender a gravar, ainda que isso fizesse parte. A cada um, pedia-se o desprendimento em relação às matérias, aos protocolos difíceis e ensaiados pela primeira vez, às nomenclaturas, ditas em várias línguas. Começar pelas palavras.

A gravura calcográfica é feita a partir de chapa. Sólida e cinzenta, desfaz-se em pó ou em banhos salinos saturados, borbulha e aquece sob a ação de ácidos. Ganha corpo com as tintas à base de óleo e pigmentos minerais, com uma força e presença, que o desenho não tem. A gravura é tirada da prancha: sacada, espremida ou extraída entre feltros e folhas de papel saturadas de água. Desenhadas, riscadas, sulcadas, granidas, incisas, talhadas, delineadas, cortadas, calçadas, mas sempre impressas, linhas ou manchas carregam a pressão e a intencionalidade. E são gravura.

Abrem-se as imagens a um caminho, também ele, de desencontro e metamorfose. Tudo de uma vez em cima de chapas nunca pegadas, vernizes dos quais se desconhecem os odores e humores, enfumados ou virgens, percorridos a palmo ou retocados a pincel, para esconder as falhas. Também pontas de metal, ou agulhas em tudo diferentes do lápis e da caneta usadas para morder as linhas e granidos onde ficarão depositadas as tintas negras repletas de negros de fumo e óleos. E o que se desconhece, sempre à frente, demasiado, acompanhado ao ritmo das palavras estranhas, que se entranham.

As palavras ouvem-se, por entre provas, onde se ensaiam as deposições supérfluas de tinta ditas veladuras, familiares a quem pinta sobre tela, mas que na gravura, ainda na chapa, se antecipam, como esfregaços. As palavras batem na diferença das ações e nada nos protege da surpresa daquilo que é tirado. Na prova, o desenho insuficiente carrega-se de tinta, cobre as rebarbas bem-vindas quando entendidas na sua função. Através dela, o desenho descobre-se na consistência e viscosidade necessária a cada tipo de técnica. E a tinta, o aliado perfeito, mostra, sobre o papel, os papéis. No seu grão, cor e peso, como os sulcos, incisões ou deposições, afinal a forma encontrada para a imagem e para a definição do território de cada um.

Repetir ainda para traduzir um desenho ou uma fotografia onde não existe um modo neutro. Esquecer e parar de escutar o que a técnica quer ser sozinha. Através dela, falar dos caminhos de ferro em recuo numa Europa em movimento; dos percursos sentidos passo a passo numa cidade onde a sinuosidade do rio marca a liberdade; das linhas verticais como cabelos, sulcados e tingidos de flores colhidas; das ruínas como personagens saídos de filmes nos comboios e diários da rotina; das mensagens com as palavras autografadas onde se confia a força que a presença não tem; das fotografias trasladadas da paisagem que se vê e sente estranha; das fotografias de família analisadas nos seus interstícios microscópicos. Tudo maculaturas, cognatos e erros e outros factos.

Esta exposição de gravura, em desdobramento da Jornada *Agustina: Outras Leituras, Novas Metamorfoses*, surge aqui integrada no ciclo *E Contudo, Elas Movem-se! Mulheres nas Artes e nas Ciências*, organizado pela Reitoria da UP, em parceria com o Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa. Ao mesmo tempo que homenageia, com novas metamorfoses, uma escritora que se moveu magistralmente na Literatura, pretende também mostrar que a Universidade se move entre as suas Faculdades. Ainda quase impercetivelmente, mas move-se.



MORE THAN SPOKEN WORDS

Ana Paula Coutinho

Graciela Machado



This February we challenged Printmaking students at the Faculty of Fine Arts of the University of Porto (FBAUP) to create artistic works that would dialogue with the literary work of Agustina Bessa-Luís. This was not an easy challenge, of course, because at first sight Agustina's world may seem too anachronistic and labyrinthine to young art students. But that was the challenge: a sort of trial by fire of both the young artists and the writer's work in order to find other ways of reading Agustina.

How to read, and record what you read, beyond words? How to respond to Agustina through the power of artistic expression, which must go beyond the technical reproduction of words, capturing the poetics of an author who always valued the sense of unrest and the importance of "unsettling" things? - "I disrupt others' routine, I scare the herd off. Then the effects are wonderful, they match immortality", writes the author of *A Ronda da Noite* [*The Night Watch*].

The written words would be engraved. Read, heard, spoken words. Words taken from *As Estações da Vida* [*Life's Seasons*] by Agustina Bessa-Luís. To decipher and repeat these words, while simultaneously dealing with the contradictions of authorship, was challenging enough for the art students to make it more than a technical task. It was not about learning to engrave, although it was also part of the process. It was about detaching themselves from the materials, the first-time protocols, and the terminologies, spoken in different languages. They had to start with words.

Intaglio is made on metal plate. Solid and gray, it dissolves in powder in saturated saline baths, it bubbles and heats under the action of acids. With the help of oil-based inks and mineral pigments, it gains a materiality drawing does not have. The image is taken from the plate: squeezed or extracted with felt and water-saturated sheets of paper. Whether drawn, grooved, granulated, incised, carved, outlined, cut or traced, these lines or points are always printed and full of expression and intent. These are original prints.

Words enter a path of divergence and metamorphosis. All at once there are plates that were never held before, and smoky or virgin varnishes whose smells or moods are unknown, spread over or retouched with a brush to hide the flaws. There are also metal points or needles which are very different from the pencils or pens used in drawing to mark the lines and the grain where the black inks made of carbon black and stand oils will be deposited. And the unknown is always ahead of us, moving to the rhythm of those strange words, which will soon become enmeshed.

The words begin to be heard between the proofs, As happens with the use of velature on the canvas, the plate already unveils the content as smears in the first rehearsals using plate toning. Words echo through the actions taking place and nothing prepares us for the result. In the proof, the unfinished drawing is loaded with ink, covering the burr, which are welcomed once we understand their purpose.

Through it, the drawing reveals itself according to the consistency and viscosity necessary for each type of technique. And ink, the perfect ally, shows its role on paper. The right form for the image and for each one's territory is to be found in its grain, color and weight, among grooves, incisions or depositions.

Repetition becomes a way of translating a drawing or photograph when neutrality doesn't exist. It is important to forget or stop listening to what the technique wants. Then it will be possible to use it to speak of the receding railways in a moving Europe; of the pathways traced step by step in a city where the winding of the river signals freedom; of the vertical lines like hair, grooved and dyed from harvested flowers; of the ruins seen as characters out of movies on trains and daily routines; of the messages with autographed words where we sense and trust the strength that the presence lacks; of the transposed photographs of a strange landscape; of family photographs analyzed in their microscopic interstices. All of them are maculature, cognates and errors and other facts.

This Printmaking exhibition, organized within the overall event *Agustina: Other Readings: New Metamorphoses*, is also part of the Cycle And Yet, *They Move! Women in Arts and Sciences*, organized by the Rectorate of the University of Porto, in partnership with the Margarida Losa Institute for Comparative Literature. While honouring, through new metamorphoses, a writer who has masterfully moved herself in Literature, the exhibition also intends to show that the University moves itself among its schools. Sometimes almost imperceptibly, but it does.



ORGANIZAÇÃO

Faculdade de Belas Artes Universidade do
Porto em parceria com o Instituto de Literatura
Comparada

COORDENAÇÃO DE PROJETO

Graciela Machado

APOIO À PRODUÇÃO

Marta Belkot
Antão Costa e Almeida
Paula Almozara

DESIGN GRÁFICO

Márcia Novais
Antão Costa e Almeida

